

Fernando Echevarría

Entrevista a um poeta portuense

Entrevista conduzida por Arnaldo de Pinho

Neste número da *Humanística e Teologia*, dedicado ao tema geral «Poesia e Pensamento», fazemos uma entrevista a um poeta portuense, cuja primeira obra, *Entre Dois Anjos*, data já de 1956. Em 1958 publicou *Tréguas para o Amor*. Em 1963, publica, no “Círculo de Poesia” da Livraria Moraes *Sobre as Horas*. Os títulos publicados entre 1956 e 1991 foram reunidos em três volumes na edição da Afrontamento: *Poesia, 1956-1979* (1989); *Poesia 1980-84* (1993); *Poesia 1987-1991* (2000). Em 2006 aparece – *Epifanias* e em 2009 *Lugar de Estudo*. Deverá sair, brevemente, um novo título. A sua Poesia foi compendiada em *Obra Inacabada*, ed. Afrontamento, 2006. Traduzido em várias línguas, tem merecido vários prémios.

Antes de mais, Fernando Echevarría, **(FE)** obrigado por conceder esta entrevista, que Arnaldo de Pinho **(AP)** lhe fará, na qualidade de simples leitor, como tantos outros.

AP: O primeiro livro que li de sua autoria, foi *Geórgicas* publicado em 1998. E fui levado pela curiosidade de ver se o título tinha alguma coisa a ver com o clássico autor e o clássico livro. Fiquei deslumbrado, justamente por uma obra que para mim era simultaneamente uma recriação do Génesis, das recordações da minha infância rural e das *Geórgicas* de Vergílio. Depois voltei atrás, à sua obra anterior e acompanhei o que para a frente publicou. Não sei se li bem...

FE: Nada tem a agradecer. Eu é que lhe fico muito grato. E passo a responder., Sim, leu bem. Está lá tudo isso. E ecos até da física e astrofísica recentes. Como o Génesis e alguma história da humanidade mais recuada, a infância rural avivada por leituras de Vergílio. O título presta aliás homenagem ao Mantuano, que ambos lemos na sua língua.

AP: Há no conjunto de poemas de *Epifanias*, como de resto em toda a sua obra, mas aqui evidente desde o próprio título, uma espécie de imaginação em movimento, a que Eugénio Trias chamaria "cerco hermético", que tenta circunscrever o real, não por definição, mas ao contrário, pela aparição. Influências da fenomenologia que de resto é um título de um dos seus livros?

FE: Não li Eugénio Trias, nem sei o que ele entende exactamente por "cerco hermético". Se esse "cerco", no entanto, corresponder à imagem mais óbvia, desse aperto meditativo resultaria a emergência, quase peremptória, do real. E estaríamos em pleno campo fenomenológico que é, na verdade, lugar de epifania.

AP: Ainda dentro desta inspiração ou talvez melhor dito método, recordo que Maria Zambrano, autora que creio não lhe será de todo alheia, escreveu em *Notas de um método* que no Ocidente o catesianismo operou a redução do real à claridade (*clarté*), uma claridade que rechaça as trevas, sem penetrar nelas. O Fernando, ao contrário, faz um outro uso da claridade em sua obra *Uso da Penumbra*.

FE: O caso de Maria Zambrano – o que dela conheço, pelo menos, é o de um filósofo que, não só frequenta a poesia mas, de certa maneira, a incorpora no seu discurso. De aí a asserção que destaca na sua pergunta, ao mentar a redução do real a uma "clarté" quase positivista e cartesiana.

No que se refere a Descartes deveríamos ser, talvez, mais cuidadosos. Se se pensar no "Discurso do Método" poderia, acaso, ser-lhe a asserção aplicável. Não ao das "Meditações Metafísicas", mormente a segunda.

Voltando, porém, a Maria Zambrano, o facto de ela admitir as trevas como envolvente do real, aproxima-a já da fenomenologia, podendo os que a leram mais exaustivamente do que eu, levar mais adiante a afirmação.

No que me diz respeito ou, melhor, a "USO DE PENUMBRA", há o aspecto factual: o título, não só introduz a "penumbra" enquanto elemento constitutivo do livro, como a sombra aparece já abundantemente em livros anteriores.

Neste – e sobretudo quando associada à escultura – claridade e penumbra emergem conjuntas da matéria e do ofício para se exporem no seu estatuto

irradiante e visual. A claridade exclusiva arrasaria volumes e visão para instaurar uma cegueira absurda.

AP: Também leio a sua poesia, cada vez mais, lembrando o que diz a mesma Maria Zambrano em sua obra *O homem e o divino* e numa outra intitulada *Filosofia e Poesia*: Nesta última escreve que “da Grécia nos vem a luz e assim tudo o que nela acontece se apresenta com uma claridade deslumbradora”. Moramos não muito longe um do outro e vemos o mesmo rio. Limitado pelo mesmo mar e pelo mesmo pinhal de Gaia, voado pelas mesmas gaivotas. A leitura muito lenta que fiz de *Lugar de Estudo* que é escrito a partir de sua casa na Cantareira, faz-me subir a uma espécie de “abismo de ser situado para lá de todo o ser sensível” (Cito Zambrano) e que todavia o habita e que segundo Zambrano é a fonte de toda a poesia.

FE: Eis dois livros que não encontrei ainda nas nossas livrarias, embora os tenha procurado. Direi apenas que, europeus, somos filhos da Grécia, mas da Bíblia também. E a profundidade dessas luzes não é a mesma. Nem os seus efeitos. Estudar a natureza de ambas destruiria muitos equívocos e abriria caminhos a uma Europa que, tendo-os perdido, precisa de os reencontrar. Posto isto, «Lugar de Estudo» foi mesmo escrito na Cantareira. De aí a sua presença, o pinhal de Gaia, as gaivotas, os pescadores, gente da Foz, o Cabedelo. Se nos encontramos aí com Maria Zambrano «nesse abismo de ser situado para lá de todo o ser sensível» e fonte de toda a poesia, o livro serviu para qualquer coisa.

AP: Curiosamente na crítica que faz à Metafísica ocidental, M. Heidegger usa o termo clareira (*Lichtung*) para designar esse espaço onde o ser vem à linguagem e que Maria João Reynaud traduziu em linguagem mais literária dizendo que graças à cesura, na sua poesia o sujeito transita, “através de fronteiras amovíveis, de um aquém delimitado para um além inconfinável”. Não sei se algum dia leu Heidegger, mas leu bem a Filosofia saída da Fenomenologia. De qualquer modo este processo é permanente na sua obra. Enfim parece-me...

FE: Alguma coisa li de Martin Heidegger. Com mais cuidado os escritos sobre arte, poesia e poetas. Referências a São Paulo. O termo «clareira» emprega-o o poeta José Bento para traduzir o título do livro «Claros del Bosque», de Maria Zambrano, por ele vertido para português : «Clareiras do Bosque», Relógio d' Água (1995). É de supor que a Floresta Negra tenha sugerido a imagem ao filósofo, quiçá também à espanhola. Em ambos, no entanto, se aponta para uma espécie de vazio, caro igualmente a Simone Weil, e espaço privilegiado de

revelação. Acaso as palavras de Maria João Reynaud levem o mesmo sentido. Que a fenomenologia me interessa não é segredo para ninguém.

AP: Eu quase leria a sua poesia toda com uma obra que foi escrita sobre o grande pensador espanhol ainda vivo e não muito velho, Eugénio Trias, obra intitulada – isto para lá da sua enorme qualidade literária, evidentemente – “O limite, o símbolo e as sombras”, pois ao lê-lo tenho a sensação de que a realidade só se pode compreender se se atende a uma certa dimensão escatológica do espírito humano e que tão bem tematiza neste verso de *Epifanias*: Aparecer avulta quando/estarmos atentos vendo/reduz o objecto ao acto/do seu aparecimento./ Sendo o que aparece farto, /singularíssimo dentro/ que se dá só se o olhá-lo/ se delir em esquecimento.

FE: Como acima disse, não conheço Eugénio Trias. O título da obra torna-a apetecível, por nos apresentar já nele a promessa de um programa estruturado. O tema das sombras aparece como quase variação das «trevas» de Maria Zambrano. A «noite escura» dos místicos não anda longe.

AP: O Fernando continua a exercer diariamente o ofício do poeta. Nunca se perguntou, como Hölderlin na sua alegoria *Pão e Vinho*: “Por quê Poetas em tempos de penúria?”

Para Heidegger são de penúrias os tempos, porque são tempos de ocultamento do ser...

FE: Diria que penúria é virtude antes de ser estado. Virtude no sentido etimológico: força, ímpeto....Sendo assim, essa penúria ou, se quisermos, carência, insuficiência, não passaria de condição «sine qua non» para o exercício da virtude. «Carecer de», eis o papel motor para vencer a carência activando a virtude. No seu modo próprio ou no modo insuficiente. Neste último a insuficiência visaria, sobretudo, a língua. A da filosofia em particular. Por «não lhes chegar a língua para», como se diz. E se a língua não lhes chega para definir, isto é, delimitar, de forma a torná-lo operativo, o conceito, recorrem à experiência poética, pedindo-lhe emprestadas imagens, metáforas etc.. Embora esta sofra de insuficiência também. Porque insuficiência, penúria e carência não passam de nomes que a realidade humana traz em si mesma inscrita. Nela, a penúria, sob qualquer dos seus modos, é estado. E, enquanto estado detentor dessa virtude, exige-se-lhe que passe ao exercício, segundo o seu modo próprio – o filósofo entregando-se, laborioso, ao desocultamento; o poeta construindo uma língua onde se instaure a evidência possível.

Mas, como em caso algum se elimine por completo a penúria, subsiste essa virtude operativa, a activar pelo hábito, até a o «desocultamento» nos tomar.

Porquê, então, poetas em tempos de penúria? Porque, sendo ela consubstancialmente nossa, a mais humana das tarefas consiste precisamente em entregar-se a esse jubiloso «desocultamento» em trânsito, isto é, a caminho do leitor, pois que, como quer o título de um dos livros de Miguel Torga, – «NIHIL SIBI», – ou seja, o poema tem carácter viático. Começou por ser dádiva para, enquanto «dádiva» se consumir na actualização da leitura.